



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

CRIAÇÃO DAS ZONAS DE PROCESSAMENTO DE EXPORTAÇÃO NOS ESTADOS DO PIAUÍ E DE PERNAMBUCO

Palácio da Alvorada
22 de dezembro

As Zonas de Processamento de Exportação não constituem um programa regional, mas nacional. Por meio delas, o País entra numa fase competitiva, na qual utiliza os mecanismos que são hoje usados em todo o mundo para participar do comércio internacional de uma forma avançada, com as tecnologias mais recentes.

17 de dezembro — Por determinação do Presidente eleito dos Estados Unidos, George Bush, uma comissão do Departamento do Tesouro Americano está discutindo novos caminhos para a dívida externa da América Latina. Um fator decisivo foi o recente discurso do líder soviético, Mikhail Gorbachev, que propôs a moratória de um século para a dívida externa e participação do Brasil nas decisões internacionais.

20 de dezembro — O Ministro das Minas e Energia, Aureliano Chaves, entrega carta de demissão ao Presidente Sarney.

— O Brasil obtém, no GATT, apoio de 30 países à sua posição nas divergências com os Estados Unidos. As retaliações americanas foram criticadas por representantes de vários países industrializados.

22 de dezembro — Segundo relatório da Coopers Lybrand, encaminhado pela Embaixada brasileira em Washington ao Presidente Sarney, o Brasil ultrapassou o Canadá e já é a sétima economia do mundo em produção industrial.

— Morre assassinado o Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri (Acre), Francisco Mendes. Sua morte tem repercussão no Brasil e no exterior.

É com uma exata noção do que representa a criação das Zonas de Processamento de Exportação, nos estados de Pernambuco e Piauí, que estou presidindo esta solenidade. Ao mesmo tempo pedi que ela fosse feita com a presença dos senhores governadores e figuras representativas dos diversos segmentos sociais do Piauí e de Pernambuco.

Quero dizer que as Zonas de Processamento de Exportação constituem um programa que não é regional, é nacional. O Brasil, com elas, entra numa fase extremamente competitiva, utilizando os mecanismos que são utilizados hoje, em todo o mundo, para participar do comércio nacional de uma forma agressiva, de uma forma com tecnologias avançadas e, ao mesmo tempo, em condições de disputar um mercado que é cada vez mais sofisticado.

Visitei a China e ouvi perplexo o Sr. ministro Zao Zy Yang dizer-me que a China já possuía 27 Zonas de Processamento de Exportação na sua costa. E também ouvi, naquele país, do Sr. Deng Xiao Ping, uma dissertação empolgada, podemos dizer assim, das vantagens das Zonas de Processamento de Exportação. Isso num regime absolutamente diferente do nosso regime. Portanto, o Brasil não podia ficar preso a nenhuma restrição de natureza ideológica, de natureza política para não partir agressivamente para essa atividade industrial. E, sobretudo, no Nordeste, elas vêm complementar uma economia que cada vez mais tem-se mostrado frágil na competição com a economia do Centro-Sul do País. Nós devemos reconhecer que o modelo industrial do Nordeste, que foi feito nos últimos anos e que foi alimentado na base dos incentivos fiscais, não é tudo, não conseguiu alcançar os objetivos que nós achávamos que, ao longo dos anos, ele alcançaria. Basta dizer que este ano eu tive que complementar os recursos dos incentivos fiscais do FINOR, elevá-los para 81 bilhões de cruzados, porque as opções não chegaram a cobrir nacionalmente o orçamento que fora previsto pela própria SUDENE para recursos destinados aos projetos ali implantados.

As Zonas de Processamento de Exportação irão dar uma nova fisionomia industrial ao Nordeste. Extremamente dinâmica. Irão transformar a fisionomia da região. E, ao

mesmo tempo que elas são voltadas para o comércio de exportação, elas têm a faculdade de, também, internar o desenvolvimento através dos insumos que necessita, através da agregação de mão-de-obra, de tecnologia, enfim, de tudo que representa vitalidade de uma Zona de Exportação colocada dentro de um estado naquela região.

Assim, nós estamos abrindo novas fronteiras, uma nova era industrial no Nordeste. E eu não tenho nenhuma dúvida de que dentro de alguns anos, como hoje se diz em relação à Ásia, dos dragões asiáticos, dos pequenos dragões como Taiwan, Formosa, Hong Kong, e as outras áreas que hoje se produzem na costa da China, como Xangai e outras regiões, nós vamos ter, aqui no Brasil, situações similares, na costa brasileira, mais perto dos grandes mercados de consumo, hoje constituídos pelo Mercado Comum Europeu e pelos Estados Unidos. Com grandes vantagens da proximidade e, ao mesmo tempo, da criatividade do nosso sistema da livre iniciativa e da livre competição. A iniciativa privada está destinada uma tarefa importantíssima nessas Zonas de Processamento de Exportação.

No Estado de Pernambuco, eu não tenho dúvida de que ele não se completaria dentro da sua fisionomia com que ele se apresenta, como um grande estado do Nordeste, se não estivesse desfrutando da oportunidade de criar, em Pernambuco, em Suape, onde já tem toda uma infraestrutura, uma Zona de Processamento de Exportação.

Eu quero, assim, saudar o governo de Pernambuco, porque ele está ajudando, juntamente com o Governo Federal a dar um passo importante no desenvolvimento do estado. E quero que o governador Carlos Wilson transmita ao governador Miguel Arraes minhas homenagens e, ao mesmo tempo, os meus votos de boa saúde para que ele continue a prestar os serviços que vem prestando ao seu estado e ao Brasil.

No Nordeste, todos sabem, quando eu assumi o Governo, Itaparica estava parada, nós estávamos num processo de racionamento, com todos os seus débitos atrasados: desde 84 não se pagava um tostão do que ali estava sendo investido. Tive que, não só regularizar os pagamentos relativos a Itaparica, como retomar as obras e concluí-las,

inaugurando a usina de Itaparica, que nos assegura à região energia elétrica.

Por outro lado, a maior obra do Governo está sendo realizada no Nordeste, que é a Hidrelétrica de Xingó. Fizemos o linhão que traz a energia de Tucuruí para juntar-se e interligar-se ao sistema energético do Nordeste.

Por outro lado, estamos construindo quatro usinas de ponta, a gás, com turbinas de gás termoelétricas nas áreas de quatro estados do Nordeste. Ampliamos o pólo petroquímico de Camaçari. Criamos o pólo cloroquímico de Sergipe, fizemos o gasoduto que hoje sai de Natal e vem até Camaçari, possibilitando também ao Nordeste entrar na sua matriz energética com as fontes de gás.

Por outro lado, a nossa preocupação de colocar o gás dentro da matriz energética brasileira fez com que, também durante este Governo, nós construíssemos o gasoduto que agora foi inaugurado, nesses dias, até São Paulo, que vai de Campos até São Paulo.

Portanto, está se fazendo um programa muito intenso neste País, silenciosamente, mas sem descuidarmos, com todas as crises que nós estamos passando, de colocá-lo em condições de continuar a ser o grande País que ele é e que será. Nesta madrugada mesmo, eu estava lendo o relatório anual que me foi mandado ontem à noite pelo Embaixador do Brasil em Washington, no qual já se coloca o Brasil, neste ano, neste relatório, não mais como a oitava economia industrial do mundo, mas na sétima economia industrial do mundo. Passamos para sétimo lugar. E, mais ainda, lá nesse relatório está escrito que o Brasil até o fim do século ocupará o 4º ou 5º lugar, e que são as maiores possibilidades de mercado que se apresentam hoje na perspectiva de médio prazo da economia mundial.

Esta visão só não é notada, podemos dizer assim, por alguns setores nacionais que, em vez de olhar para o futuro, ficam olhando para baixo, para as dificuldades pequenas que todo país tem que trilhar.

Eu devo também acrescentar, neste instante, deixei por último mas não por ser o menos importante, o que significa para o nosso estado do Piauí a Zona de Processamento

de Exportação de Luís Correia, em Parnaíba. Estamos fazendo em Parnaíba, que é uma cidade que teve um grande destino, uma grande presença no passado no Brasil, como um grande centro de desenvolvimento do Norte, tanto que no Piauí se dizia «Parnaíba, norte do Brasil». E que pela situação da falta de condições de navegabilidade do rio Parnaíba, está sendo destinada a uma situação de segregação, isolada economicamente dentro daquela área. Nós criamos em Parnaíba o Centro Nacional de Pesquisa Irrigada. Hoje chegamos em Parnaíba e já estamos verificando que a cidade e a região mostram uma nova perspectiva de vida. Ali hoje estão técnicos, não só brasileiros, mas do mundo inteiro, trabalhando conjuntamente com os nossos técnicos na busca de soluções para a agricultura irrigada, manejo de solos, estudos profundos sobre as condições climáticas da região, uma adaptação de produtos, enfim, com alguns campos experimentais e outros já em estágio de produção. Parnaíba vai ser também um grande centro agroindustrial, como já é hoje Petrolina, como nós estamos também com os projetos em Pau dos Ferros, o projeto da Chapada do Apodi, também no Piauí o projeto Gurguéia, o projeto nas margens da Hidrelétrica de Boa Esperança, como no Maranhão, na barragem de Flores, também na área de São Bento, na área de Pindaré-Mirim, de tal modo que nós acreditamos que o programa de irrigação destinado ao Nordeste também está indo muito bem, e para o Brasil inteiro a nossa meta era um milhão de hectares, e nós já estamos com 750 mil hectares nestes três anos a mais dentro do panorama da agricultura brasileira. De tal modo que eu devo repetir sempre, esses dados são bons que se repitam, 18% da produção agrícola nacional hoje já é feita em agricultura irrigada ocupando apenas 4% da nossa área.

Agora, há poucos dias, assinei um decreto de concessão do porto de Luís Correia, também em Parnaíba, que virá juntar-se à Zona de Processamento de Exportação para ser um grande pólo de desenvolvimento desse estado, que merece que tenha cada vez mais um destino melhor para o seu povo.

Por fim, eu quero também fazer uma referência à estrada Transnordestina, dizer que nós já incluímos recursos

para iniciarmos o seu projeto, a partir de Petrolina, já no próximo ano. E deixaremos o Governo com um plano, e algumas delas começadas, de estradas de ferro, que irão colocar o País dentro do transporte não somente modal mas do transporte do futuro, que é realmente estradas de ferro modernas, com trens de alta velocidade e ocupando civilizadamente aquelas vastas regiões que estão à disposição do trabalho dos brasileiros. Espero inaugurar, no mês de janeiro, o primeiro trecho da Norte-Sul, saindo de Estreito até São Luís do Maranhão, no Porto do Itaqui. E construir, até o fim do meu Governo, até Araguaína.

Por outro lado, devo dizer também que estamos abrindo concorrência para a estrada de Cuiabá, a cargo da iniciativa privada, e vejo com os olhos do futuro a Transnordestina se ligando em Miracema do Norte à estrada Norte-Sul, e se criando o grande sistema ferroviário do Brasil Central que dará uma nova dimensão de crescimento às áreas interiores deste País que necessitam cada vez mais ser olhadas de uma maneira mais clara por todo o Brasil. Os nossos problemas do interior do Brasil são muitas vezes olhados na costa como se fossem problemas que podem ser postergados, quando, na realidade, eles têm mais urgência que os problemas das grandes cidades.

Portanto, eu queria agradecer a presença de todos e dizer que estamos encerrando o ano bem, abrindo novas perspectivas nos estados do Piauí e de Pernambuco, para que eles possam desfrutar do novo modelo industrial do Nordeste e do Brasil, que vai ser criado com as Zonas de Processamento de Exportação.